



Dr.
Bartô

APRESENTA:

O ESTRANHO
CASO DE
MARCELINHO
MIADO
E A NÉVOA
ASSASSINA



O ESTRANHO
CASO DE
MARCELINHO
MIADO
E A NÉVOA
ASSASSINA



Histórias originais

Dr. João Paulo Becker Lotufo

Criação de texto

Eliana Aloia Atihê

Desenhos

Bia Sampaio

Quando faz seu passeio habitual pela vizinhança, o Dr. Bartô parece apenas um cidadão comum – com uma barriga um pouquinho maior do que o normal,



é verdade – distraído e satisfeito da vida. Na porta de sua casa, há uma tabuleta onde se lê:

DR. BARTÔ – MÉDICO DE CRIANÇAS

E aqui mesmo, eu pergunto: será que existe no mundo alguém mais querido, mais pacífico, mais do bem do que um bom médico de crianças? É claro que não, vocês irão me responder, se forem realmente inteligentes. Pois eu lhes digo mais: por isso mesmo não existe identidade secreta mais segura e confiável para um super-herói do que a de um médico de crianças. Nem mesmo o Super-Homem, disfarçado como o jornalista míope Clark Kent, pode competir com o Dr. Bartô em matéria de identidade secreta. Quando o Dr. Bartô sai para fazer suas longas caminhadas pelo bairro, imediatamente entram em ação seus penetrantes olhos de pediatra, acoplados à sua espantosa mente de detetive e então ele pode enxergar coisas que a grande maioria de nós, simples mortais, jamais seríamos capazes de enxergar.





Para os vizinhos, o Dr. Bartô é apenas um bom médico meio bisbilhoteiro. O que eles não sabem é que sua formidável visão de águia, sua fabulosa audição de guepardo e seu incrível faro de cão sabujo foram treinados durante anos para entrar



em ação sempre que houver por perto
alguma criança em perigo. E acreditem:
sempre há uma criança em perigo.

Mesmo naquela linda e sossegada
tarde de domingo, em meio aos ipês
carregados de flores, com borboletas
voando e os pássaros cantando.

Três dias antes, uma família havia se
mudado para a casa mais bonita da rua.
O Dr. Bartô vira parar o caminhão em



caminhão em frente da casa. Uma
bicicleta e um caixote de papelão
escrito BRINQUEDOS confirmaram
que naquela casa tinha criança. Agora
ele caminhava diante da casa mais
bonita da rua espichando o pescoço
para tentar enxergar lá dentro.



O Dr. Bartô queria se apresentar aos novos vizinhos e se certificar de que as crianças daquela casa não corriam perigo. Naquele momento porém, um alarme disparou dentro de sua cabeça prodigiosa. Pelas frestas das janelas e das portas, ele notou que escapava uma fina fumaça esbranquiçada, uma fumaça que envolvia toda a casa numa névoa fedorenta.



Não. Aquilo não era um incêndio. O Dr. Bartô já vira aquela névoa assassina antes. Muitas vezes. "Oh, meu Deus!", pensou o Dr. Bartô, enquanto empurrava corajosamente o pesado portão de ferro e cruzava a jato o jardim onde até as flores tossiam, sufocadas pela neblina fedegosa.





A porta de frente da
casa estava entreaberta
e o Dr. Bartô foi
entrando por ela, sem
nem pedir licença,
mesmo porque você
não vê o Batman
pedindo licença para
salvar uma vítima
inocente das mãos do
Coringa.



Super-heróis não pedem licença. Super-heróis agem rapidamente em situações de emergência e foi exatamente isso que o Dr. Bartô fez. Naquele momento era quase impossível enxergar dentro da casa, tal era a quantidade de névoa fumacenta que empestava o ambiente. Graças a sua potente visão, o Dr. Bartô podia enxergar perfeitamente: numa mesa, dois casais divertiam-se jogando tranca, enquanto ao lado deles, sentado no chão feito índio, um menino jogava videogame.



O menino levantou-se sorrindo e o Dr. Bartô logo o reconheceu. Era Marcelinho Miado, um paciente seu. Marcelinho era o nome dele e Miado era o apelido que os amigos da escola lhe tinham botado, porque havia dias em que parecia que ele tinha um gato morando dentro do peito. É que Marcelinho tinha "asma". Estranho era que o tal "gato" só se mudava para o peito dele nos finais de semana. Vira e mexe, a mãe de Marcelinho baixava no consultório do Dr. Bartô às segundas-feiras, para ele dar jeito no tal miado. Aquela história já havia se tornado um mistério. E o Dr. Bartô sempre se perguntava, cismado: "O que é, o que é que faz Marcelinho ter crise de asma todo fim de semana? Por que o "gato" mia no peito dele toda segunda-feira?" Naquele momento, nosso médico super-herói percebeu que estava prestes a fazer uma fantástica descoberta.

Velozes como raios, os pensamentos passavam pela mente superdotada do

Dr. Bartô. Agora tudo fazia sentido.

A mãe de Marcelinho Miado já tinha tirado os tapetes, as cortinas e os bichos de pelúcia do quarto de seu filho e o miado não tinha passado.



A família passara a comer só comida natural, nada industrializado com corantes ou conservantes, e o miado não tinha sarado. Agora finalmente tudo se encaixava, como num quebra-cabeças macabro. Na mesa de tranca estavam papai, mamãe, vovó e vovô, entretidos no jogo. Do lado de cada um, havia um pratinho de onde subia a misteriosa fumaça. Num salto, o Dr. Bartô pulou



sobre a mesa de tranca. Os jogadores fugiram espavoridos.

- Dr. Bartôôôôô!!!! – O que está acontecendo??? De onde você saiu???, perguntaram ao mesmo tempo o pai e a mãe do menino.

- Pelas barbas de Nostradamus!!!, exclamou o Dr. Bartô. – Descobri, afinal, porque o Marcelinho piora todo fim de semana! É quando vocês jogam cartas e fumam!



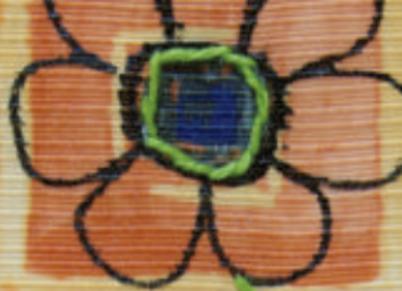
Os pais e os avós de Marcelinho Miado ficaram paralisados. Então era por causa deles que seu querido filho e adorado neto estava doente? Eles não podiam acreditar! O Dr. Bartô continuou falando, sem dó nem piedade:

- Será que os adultos não percebem que a fumaça do cigarro deixa as crianças doentes? Será que os adultos não sabem que as crianças que recebem a fumaça dos adultos podem ter 20% a mais de chance de serem crianças com um "gato" miando no peito? Para resolver certas coisas, é preciso armar alguma confusão. Marcelinho foi



salvo do perigo e o tal “gato” parou de miar em seu peito. Seus pais e avós também se deram bem, porque largaram de fumar para não deixar o menino doente. E no final, todo mundo começou a se sentir muito melhor. O pai voltou a jogar futebol, a mãe voltou a nadar e os avós começaram a caminhar dez quarteirões todo dia pelo bairro. De vez em quando, eles encontram o Dr. Bartô em seu passeio habitual pela vizinhança: um homem normal, com uma barriga um tiquinho maior do que o normal, distraído e satisfeito da vida.





Dr. João Paulo Becker Lotufo

Pediatra e Pneumologista

Responsável pelo Projeto

Antitabágico do Hospital Universitário - USP

Criador do Projeto de Prevenção

de Drogas no Ensino Fundamental e Médio: Dr Bartô

Tel. (11) 3024-7490



Aos pais

O tabagismo é conhecido hoje como uma doença pediátrica, pois 90% dos seus usuários começaram a fumar aos 15 anos de idade. Pais fumantes são incentivadores de filhos fumantes pelo exemplo. Amigos fumantes também.

Com poucos cigarros ao dia e por pouco tempo, já há uma dependência da nicotina, que é quem vicia. O nível de dependência pode ser genético, ou seja, se o pai fuma muito, oriente seu filho a não fumar, pois ele irá fumar muito também.

Se na sua família há casos de enfisema ou câncer de pulmão, a genética é favorável a estas doenças. Oriente seus filhos a não fumar.

Tabagismo passivo é responsável por aumentar as doenças respiratórias na infância e também por morte súbita de crianças recém-nascidas e lactentes. Não venha com o papo de só fumar fora de casa, pois o cheiro do cigarro é um irritante da mucosa respiratória, piorando a rinite e a asma. Se encontrar um maço de cigarro com seu filho, vale a pena ele (a) conversar com seu pediatra a respeito. Dr. Bartô também pode ajudar para tentar desiludir o jovem iniciante desta ideia, pois de cada 3 que brincam de fumar, um vai fumar o resto da vida.





5 itens importantes para sua família não entrar nas drogas:

- Espiritualidade
- Família unida e com limites
- Atividades culturais
- Atividades sociais
- Bons amigos

**Interessado no projeto de
prevenção de drogas**

Dr Bartô

Ligue (11) 3024-7490

www.drbarato.com.br